Sábado, 14 de Novembro de 2026

É inacreditável BB

É preciso dizer, com todas as letras, que há limites para a paciência de quem sustenta este país. O Banco do Brasil sempre fez questão de posar de “banco do agro”, de parceiro do produtor rural, de instituição que entende o campo.

Mas a verdade, nua e crua, é que essa parceria nunca foi tão generosa assim, afinal praticamente todo o recurso do governo federal destinado ao agronegócio brasileiro passa por ele, e, no entanto, nunca se emprestou um centavo sequer sem que viesse a sugestão, para não dizer a imposição velada, de que o lavoureiro comprasse um título de capitalização ou um seguro de vida.

Isso todo produtor sabe. Isso todo produtor sentiu no bolso. Mas agora, o que aconteceu nesta semana é inacreditável.

Um figurão do Banco do Brasil, sem qualquer pudor, chamou os produtores rurais do Brasil de caloteiros. Esses mesmos produtores que trabalham de sol a sol, que rezam todos os dias para chover ou para parar de chover, que rezam por preço, por logística, por safra, que rezam para que sobre algum dinheiro no fim do mês. Foram chamados de caloteiros. É inacreditável. Ou melhor, é inaceitável.

Não se trata de um deslize isolado, de uma frase infeliz arrancada de contexto, mas de uma postura. O produtor rural não é um número, não é uma planilha de inadimplência, não é um vilão do sistema financeiro.

É quem acorda antes do sol, quem enfrenta estrada de terra, quem negocia com atravessador, quem vê a safra inteira se perder por uma geada ou por uma estiagem que ninguém controla. E, quando o aperto chega, é esse mesmo produtor que renegocia, que parcela, que dá garantias, que entrega o que tem para honrar o compromisso. Chamá-lo de caloteiro é uma ofensa que não se apaga com nota de esclarecimento.

É uma ofensa que revela, no fundo, o desprezo de quem está sentado em ar-condicionado por quem está no barro. O mínimo que o Banco do Brasil precisa fazer é tratar o produtor rural com respeito, que aliás não é favor, não é campanha publicitária, não é discurso de palanque.

Respeito é reconhecer que o agro não é um apêndice do banco, mas o banco é que depende do agro. E, diante de uma declaração dessa gravidade, a instituição tem o dever de demitir esse imbecil.

Não se trata de caça às bruxas, trata-se de coerência: quem insulta a base da sua clientela não pode permanecer no comando de nada.

Se o Banco do Brasil quer continuar sendo chamado de “banco do agro”, que comece a merecer o nome. Que pare de vender título de capitalização como condição disfarçada de empréstimo, que pare de tratar o produtor como suspeito e que, acima de tudo, cobre de seus dirigentes o respeito que o campo exige.

O produtor rural não é caloteiro. Caloteiro é quem promete parceria e entrega desprezo. E isso, definitivamente, não dá para aceitar em silêncio.

Luciano Vacari é gestor de agronegócios e CEO da NeoAgro Consultoria